

“Carta a um filósofo” – Danilo de Miranda Para: Immanuel Kant

Querido amigo Kant,

Creio que já posso lhe chamar assim – amigo – pois já se vão cinco anos desde que te conheci. A princípio, como qualquer início de uma boa amizade, fiquei prontamente admirado; reconheci em seu jeito algo que sempre me foi caro: a justeza do agir e o rigor da crítica. Não obstante, tenho que admitir algumas coisas. O que imaginava como sendo a qualidade de alguém que leva tudo às últimas instâncias, no intuito de ficar apenas com aquilo que é de mais seguro, se mostrou um exagero – a crítica, com o perdão da tautologia, ficou crítica demais.

Lembro como hoje aquele dia em que me convidou para um café, insistindo que tinha algo de revolucionário a contar. Já estava acostumado com seu jeito um pouco “pretencioso”, mas ainda assim me surpreendi com o que disse: “o tempo e o espaço não existem em si, mas apenas para nós”. Confesso que olhei com desconfiança para o que bebia, tentei perceber sinais de embriagues ou febre, mas quando notei que falavas sério fiquei mais preocupado ainda.

O que deu nele dessa vez? – pensei. No entanto, logo que começou a explicar, minha preocupação se transformou em espanto, em pura admiração: estava presenciando uma das epifanias mais geniais da história da filosofia.

Você me dizia que todo problema da metafísica era porque ela não tinha, como a matemática e a física, um solo seguro para se apoiar. Em suas palavras, a metafísica sempre foi “um terreno de luta”. A chave estaria em estudar aquilo que há de “transcendental” em nós. Tal conceito me causou espécie, mais ainda, quando o definiu dizendo que transcendental “nunca significa relação do nosso conhecimento com as coisas, mas somente relação com a faculdade cognitiva”.

Fiquei com essa frase na cabeça por semanas. Acordava e ia dormir meditando sobre ela. Ora – pensava eu – como é possível um conhecimento que não envolva nossa relação com os objetos? Isso não recairia na velha metafísica que meu amigo tanto quer superar? Como sabia que você, no alto de sua sabedoria, não chegaria a tal conclusão sem antes ter, cuidadosamente, refletido muito, me empenhei para chegar aonde já tinha chegado com sua consideração.

Meu orgulho não me permitia perguntar-lhe a solução daquele enigma que me ocupava completamente. Foram, se me lembro bem, alguns meses até, finalmente, chegar a um entendimento.

Me lembro muito bem quando lhe disse: você é um rapaz astuto! Assim como Copérnico, você fez uma verdadeira revolução no modo de conhecer as coisas! Afinal de contas, quem foi que disse que temos que regular nosso conhecimento aos objetos? Ora, eles é que se adaptam à nossa razão!

E qual foi minha surpresa quando ficou entusiasmado com minha metáfora e ainda prometeu – e cumpriu – incluí-la em seu livro!

Ficou tão entusiasmado, me lembro bem, que já começou a fazer planos para futuros trabalhos: Não pararei por aqui! – exclamava com ímpeto – um primeiro livro sobre os limites da razão é fundamental, mas preciso ir além! É necessário atribuir o rigor racional ao comportamento humano, à ética! E mais! Às artes, ao belo, ao sublime!

Alto lá, meu amigo! Uma Crítica tudo bem! Mas se assim continuar, ficará conhecido como o filósofo das três Críticas! Aí já é demais, não acha?

Espero que siga sua intuição, meu querido amigo Kant, pois, quem mais tem a ganhar com isso somos todos nós, amantes da sabedoria.

Um fraterno abraço,
Danilo P. de Miranda